

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
RIO GRANDE DO NORTE – *CAMPUS* IPANGUAÇU
COORDENAÇÃO DO CURSO DE TECNOLOGIA EM AGROECOLOGIA**

ELIONARA SOARES CABRAL

**O ARTESANATO COMO ALTERNATIVA DE TRABALHO E RENDA EM UMA
COMUNIDADE QUILOMBOLA/AGROVILA - ESTUDO DE CASO**

**IPANGUAÇU - RN
2019**

ELIONARA SOARES CABRAL

**O ARTESANATO COMO ALTERNATIVA DE TRABALHO E RENDA EM UMA
COMUNIDADE QUILOMBOLA/AGROVILA - ESTUDO DE CASO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, em cumprimento às exigências legais como requisito parcial à obtenção do título de Tecnólogo em Agroecologia.

Orientadora: Prof.^a. PhD. Sandra Maria Campos Alves

IPANGUAÇU – RN

2019

Cabral, Elionara Soares
C117a O artesanato como alternativa de trabalho e renda em uma comunidade quilombola/agrovila - estudo de caso. – 2019.
40 f. il. color.

Monografia (Graduação em Tecnologia em Agroecologia) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.
Orientador(a): Prof.ª PhD. Sandra Maria Campos Alves.

1. Artesanato tradicional. 2. Renda. 3. Famílias. 4. Agroecologia.
I. Cabral, Elionara Soares. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. III. Título.

CDU 334.712:631.95

Catálogo na Publicação elaborada pela Seção de Processamento Técnico da Biblioteca Setorial Myriam Coeli do IFRN.

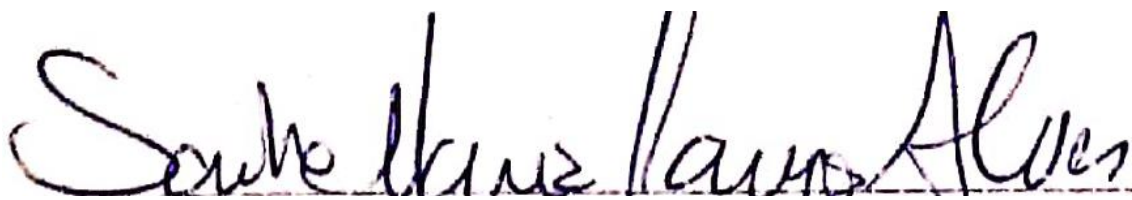
ELIONARA SOARES CABRAL

**O ARTESANATO COMO ALTERNATIVA DE TRABALHO E RENDA EM UMA
COMUNIDADE QUILOMBOLA/AGROVILA - ESTUDO DE CASO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – *Campus Ipangaçu*, em cumprimento às exigências legais como requisito parcial à obtenção do título de Tecnólogo em Agroecologia.

Aprovado em: ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA_



Prof.^a PhD. Sandra Maria Campos Alves - Orientadora

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte



Prof.^a Dra. Fatima Maria de Oliveira – Examinadora

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte



Prof.^a Dra. Monalisa Porto Araújo - Examinadora

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

DEDICATORIA

Dedico este trabalho a uma mulher guerreira, minha mãe, que com muito amor, sempre lutou pelo melhor para suas filhas.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, por sempre estar comigo em todos os momentos da minha vida, me cuidando e me guardando com todo seu amor. Obrigada Pai!

À minha mãe Eliete Soares de Oliveira e meu padrasto Marcos Antônio Cabral que sempre estiveram ao meu lado nas horas mais difíceis e felizes da minha vida.

Às minhas irmãs, Marina Soares Cabral, Maires Soares Cabral e Marisa Soares Cabral, por todas as alegrias.

Aos meus queridos tios, Maria Batista da Silva (*in memoriam*) e João Batista Soares, por terem sido e ainda serem como segundos pais para mim.

Às minhas amigas, Hiérica Stefany Soares de Souza e Ana Luiza Nascimento da Silva, companheiras nessa incrível jornada. Aos meus amigos de Universidade e professores, que estiveram sempre comigo ao longo desses anos.

À minha prezada e querida orientadora Prof. PhD. Sandra Maria do Campos Alves, pela dedicação, compreensão e amizade.

A todos os artesãos que fazem parte da Associação Renascer dos Artesãos da Carnaúba, por toda generosidade e receptividade.

A todos aqueles que de forma direta ou indiretamente contribuíram para que eu estivesse concluindo essa etapa da minha vida acadêmica, o meu muito obrigada!

“Sim, eu acredito que Deus possa fazer o impossível, mas antes eu prefiro fazer tudo o que me é possível.”
(Pe Fábio de Melo)

O ARTESANATO COMO ALTERNATIVA DE TRABALHO E RENDA EM UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA/AGROVILA - ESTUDO DE CASO

CABRAL, Elionara Soares. **O artesanato como alternativa de trabalho e renda em uma comunidade quilombola/agrovila – estudo de caso.** 2019, 39 f. Monografia (Graduação em Tecnologia em Agroecologia), Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia – Campus Ipanguaçu (IFRN/IP), Ipanguaçu – RN. Brasil, 2019.

RESUMO: A atividade artesanal é fonte de renda para grande número de famílias brasileiras, seja nos grandes centros ou nos pontos mais distantes, demonstrando muita força na geração de empregos. Ao mesmo tempo, o artesanato oferece maior visibilidade à produção cultural de grupos sociais marginalizados, como as comunidades dos remanescentes de quilombolas, alimentando as discussões potencialmente transformadoras sobre suas condições e posição secundária em políticas públicas e leis voltadas para o próprio artesanato, bem como nas organizações de artesãos. Diante desse cenário, esse trabalho foi desenvolvido na comunidade quilombola Picada, localizada no município de Ipanguaçu/RN, onde fica situada a Associação Renascer dos Artesãos da Carnaúba. O nosso objeto de estudo trata-se dos artesãos, que trabalham na produção do artesanato tradicional, no qual a principal matéria-prima para a fabricação das peças artesanais é a palha extraída da carnaubeira. Para a coleta das informações foram feitas visitas e entrevistas com alguns dos associados, com o intuito de analisar o artesanato como alternativa de trabalho e renda na vida destes artesãos. Tendo como objetivo principal saber quais foram as mudanças significativas que ocorreram a partir do momento que começaram a fabricar e vender essas peças artesanais. Avaliação dos impactos na comunidade após a adesão da tecnologia social.

Palavras-chaves: Artesanato tradicional. Renda. Famílias. Agroecologia.

CRAFT AS AN ALTERNATIVE OF WORK AND INCOME IN A QUILOMBOLA/AGROVILLE COMMUNITY - CASE STUDY

CABRAL, Elionara Soares. **Craft as an alternative of work and income in a quilombola/agroville community – case study.** 2019, 39 f. Monography (Undergraduate in Technology in Agroecology), Federal Institute of Education Science and Technology - Campus Ipangaçu (IFRN / IP), Ipangaçu - RN. Brazil, 2019.

ABSTRACT: The artisanal activity is a source of income for a large number of Brazilian families, whether in large centers or in the most distant places, showing a great deal of force in the generation of jobs. At the same time, handicrafts offer greater visibility to the cultural production of marginalized social groups, such as quilombola remnants communities, feeding potentially transformative discussions about their conditions and secondary position in public policies and laws aimed at the craft itself, as well as in the organizations. Given this scenario, this work was developed in the quilombola community Picada, located in the municipality of Ipangaçu / RN, where the Renascer dos Artesãos da Carnauba Association is located. Our object of study is the artisans, who work in the production of traditional crafts, in which the main raw material for the manufacture of the handmade pieces is the straw extracted from the carnauba. In order to collect the information, visits and interviews were made with some of the members, with the purpose of analyzing the crafts as an alternative work and income in the life of these craftsmen, and to know what were the significant changes that occur from the moment they began to manufacture and sell these handmade pieces. Impact assessment in the community after social technology adherence.

Keywords: Traditional handicrafts. Income. Families. Agroecology.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Alguns dados das artesãs que foram entrevistadas	26
--	-----------

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Representação das pessoas que tem o ensino fundamental incompleto e das que tem o ensino médio completo	27
Gráfico 2 - Respostas das artesãs sobre exercer algum outro trabalho remunerado	28
Gráfico 3 - Tempo que os artesãos entrevistados trabalham na associação ...	29
Gráfico 4 - Faixa etária de idade dos associados	31

LISTA DE SIGLAS

SIGLA 1 – IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados)	15
SIGLA 2 – PNDA (Programa Nacional do Desenvolvimento do Artesanato) ..	15
SIGLA 3 – EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural)	15
SIGLA 4 – ONU (Organização das Nações Unidas)	19
SIGLA 5 – IDH (Índice de Desenvolvimento Humano)	19
SIGLA 6 – INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária)	20
SIGLA 7 – UBS (Unidade Básica de Saúde)	25
SIGLA 8 – EJA (Educação de Jovens e Adultos)	25
SIGLA 9 – IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)	31

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Mapa com a localização da comunidade Picada/RN	22
Figura 2. Associação Renascer dos Artesãos da Carnaúba	24
Figura 3. Artesãs separando a palha da carnaúba	29
Figura 4. As artesãs sendo entrevistadas e produzindo o artesanato	30
Figura 5. Produtos Fabricados	33

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. OBJETIVO	16
3. REVISÃO DE LITERATURA	17
3.1 SOBRE A ATIVIDADE ARTESANAL	17
3.2 RENDA PARA A MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA	19
3.3 AS COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS	
20	
4. METODOLOGIA	22
4.1 BREVE RELATO SOBRE A COMUNIDADE E A ASSOCIAÇÃO ...	24
4.2 DADOS DA COMUNIDADE	25
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	26
6. CONCLUSÃO	34
7. REFERÊNCIAS	35
8. APÊNDICES	39

1 INTRODUÇÃO

As atividades artesanais são aquelas em que as formas características do produto final consistem, em grande parte, da habilidade da pessoa que está fazendo. O trabalho pode ser integralmente manual ou contar com o auxílio de alguns instrumentos. O artesão enquanto indivíduo é aquele que exerce um ofício, produz bens materiais para a comercialização sem que haja repetidores industriais, ou ainda é o indivíduo que desempenha, por conta própria, uma arte, ou ofício manual, como reza o Regulamento do Imposto sobre Produtos Industrializados – IPI (2002).

As atividades artesanais, no Brasil, na maioria das vezes, são desenvolvidas por núcleos familiares, sobretudo em regiões mais pobres, e cuja produção artesanal apresenta uma grande variedade de expressões e quantidade de matérias-primas disponíveis. Ao longo dos últimos anos, essa atividade tem apresentado um crescimento acelerado, constituindo-se como uma atividade econômica com grande potencial de crescimento, atuando, inclusive, como fonte geradora de emprego e renda – PNDA (1997).

No Brasil, a região que mais se destaca na produção do artesanato é o Nordeste, por possuir grandes cidades turística, característica estimulada inclusive por ações especiais e políticas públicas do Governo Federal de fomento ao seu desenvolvimento, torna-se uma região muito favorável ao surgimento de polos de desenvolvimento artesanal, tendo em vista que grande parte dos produtos artesanais é adquirido por turistas domésticos e internacionais (LEMOS, 2011).

Já especificamente na comunidade Picada inserida na cidade de Ipanguaçu/RN, no interior do nordeste brasileiro, a atividade artesanal passou a ter sua importância enfatizada a partir de 2005, com a implantação do projeto pela EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural) Jovem Empreendedor. Foram realizadas capacitações, onde o objetivo era o resgate da cultura e a geração de trabalho e renda para os jovens e mulheres da comunidade. Nessas capacitações enxergaram que a palha da carnaúba poderia ser a principal matéria-prima do artesanato, por ter em grandes quantidades na região.

De acordo com Lemos (2011), o incentivo à produção artesanal constitui, portanto, uma forma alternativa às economias de base local, assegurando a preservação da cultura local, bem como a geração de emprego e renda para inúmeras famílias, considerando que grande parte dessas pessoas encontra no artesanato uma forma de garantir a própria sobrevivência e a manutenção do bem estar de seus familiares.

Considerando as informações socioeconômicas e o contexto acima exposto, a proposta deste trabalho é analisar o artesanato como alternativa de trabalho e renda em uma comunidade, que em sua maioria se auto identifica remanescentes de quilombolas, tendo como estudo de caso as artesãs, que fazem parte da Associação Renascer dos Artesãos da Carnaúba, situada na comunidade Picada, localizada na cidade de Ipanguaçu/RN, região do Vale do Assú.

2 OBJETIVO

Esse trabalho se propõe a analisar o artesanato como alternativa de trabalho e renda, a partir dos impactos socioeconômicos na vida dos artesãos residentes da comunidade rural quilombola Picada, localizada na cidade de Ipanguaçu/RN, e que trabalham com a produção de artesanatos a base da palha de carnaúba.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 SOBRE A ATIVIDADE ARTESANAL

A atividade artesanal foi a única forma de produzir objetos durante muitos anos. Toda a Antiguidade foi feita desse modo, e até a Idade Média europeia, essa foi a forma pela qual a humanidade se construiu. O mundo humano foi formado à mão e a atividade artesanal é a arte de fazer objetos (LIMA, 2009).

Para Barroso (2015), o início da atividade artesanal no ocidente está ligado ao crescimento das cidades e a origem de atividades urbanas fundamental para a vida em comunidade, tais como pedreiros, ferreiros, carpinteiros, tecelões, dentre outros. Após o século 18, apareceram as primeiras instituições de ofícios com regras que definiam os limites e atribuições do trabalho artesanal.

Desde seu surgimento, o artesanato tem tido muitos sentidos, e às vezes incertos, incluindo as muitas atividades manuais não agrícolas, nas quais se confundem o trabalho do artesão e do artista. (OLIVEIRA, 2014).

Para Lemos (2011), determinar e dar definição a atividade artesanal consiste em uma tarefa difícil e incerta, na medida em que nos mostra diferentes saberes e cultura, para uma diversidade de objetos e atividades. A atividade artesanal faz parte do imaginário coletivo, como formas de expressões de tradições regionais, que a integra à arte popular.

Na obra de Sennett (2013) "O artífice", o autor descreve sobre a cultura material com foco na atividade artesanal que segundo o autor é "[...] um impulso humano básico e permanente, o desejo de um trabalho bem feito por si mesmo" (p. 19). A atividade existe como um dos princípios utilizados para a fabricação das peças artesanais, se desenvolvendo com instrumentos corretos para se atingir os devidos objetivos.

O mesmo autor fala que muitas vezes as situações sociais e econômicas se opõem ao trabalho do artesão, sendo possível que essa atividade não seja valorizada, e que embora seja um trabalho gratificante para quem o faz, não é uma recompensa simples, pois o desejo de fazer bem feito um artesanato pode ser comprometido por pressões competitivas e frustrações (SENNETT, 2013).

A atividade artesanal é uma maneira de comunicação não verbal onde sua mensagem é passada por meio de suas peças bem características, resultando em estímulos marcantes através de símbolos específicos. Esses elementos têm

todo um repertório que denota as mais sutis características de uma comunidade (OLIVEIRA, 2011).

A atividade artesanal é a manifestação de um precioso patrimônio por uma comunidade, onde os ensinamentos são transmitidos de pai para filho, e nessas mesmas regiões possui a matéria-prima em abundância, e esses valores são transmitidos por várias gerações. Assim, a atividade artesanal se torna um dos meios mais importantes de representação da identidade de um povo (BORGES, 2003).

O autor Barroso (2015), descreve a atividade artesanal como uma tarefa produtiva de fazer peças de forma prática, ou por meio da utilização de métodos tradicionais. Na visão do autor, a atividade artesanal é um trabalho individual, mesmo que a produção de alguns objetos possa necessitar do trabalho de diversas pessoas; é necessário que surja um objeto novo, sendo constituído pela mudança da matéria-prima e em baixa escala. Para produção do artesanato é essencial ter muita prática, assim, a atividade artesanal não se restringe a um simples trabalho manual.

Oliveira (2011) determina que em alguns casos existe a participação de outros indivíduos na fabricação das peças artesanais, mesmo assim, o artesanato é caracterizado como um trabalho manual e individual. O produto final é o resultado da manejo e transformação de matérias-primas em pequena escala. Diferente de outras atividades manuais, o artesanato demanda muita técnica e habilidade específicas, passando para o objeto uma energia onde a criatividade é umas das principais partes integrante do processo.

A atividade artesanal é toda criação resultante da transformação de matérias-primas em abundância encontrada em algumas regiões, com domínio manual, por pessoas que apresentem o conhecimento integral de uma ou mais técnicas, agrupando criatividade, habilidade e valor cultural, isto é, possui valor simbólico e identidade cultural, podendo no processo de sua atividade ocorrer o auxílio limitado de máquinas, ferramentas, artefatos e utensílios. O Programa de Artesanato Brasileiro evidencia sobre o que não constitui artesanato, como: trabalho efetivado por meio de simples montagem, com peças industrializadas; lapidação de pedras preciosas; fabricação de sabonetes, perfumarias e sais de banho, com exceção daqueles produzidos com essências extraídas de folhas, flores, raízes, frutos e flora nacional; habilidades aprendidas através de revistas, livros, programas de tv, dentre outros, sem identidade cultural (PAB, 2012).

Moura (2011) expõe que a atividade artesanal mostra a riqueza cultural de uma determinada região, pois se trata de uma produção cultural que resiste a todas e quaisquer modificações impostas ao longo dos anos. Desse modo, segundo Teixeira *et al.* (2011), a atividade artesanal pode ser considerado como uma das manifestações de identidade de um povo, pois por meio das suas características pode-se identificar a sua origem cultural.

A atividade artesanal possui princípios representativos de identidade cultural que a moda vem resgatando e implantando na sociedade como elementos de diferenciação, originando assim uma maior demanda por produtos artesanais (SILVA, 2015).

Para Lima (2009), a atividade artesanal brasileira passa pela pluralidade do fazer artesanal, uma vez que é diverso e rico, tanto pelas matérias-primas que aplica, quanto pelas técnicas segundo as quais as peças são elaboradas e, também, devido às realidades que são vividas pelas pessoas que produzem. Assim, o artesanato apresenta um quadro de grande diversidade.

3.2 RENDA PARA A MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA

Durante alguns anos, utilizou-se a renda *per capita* como um meio de medir o bem-estar de uma população. Mas esta ferramenta, sozinha, revelou-se ineficaz para avaliar a qualidade de vida de uma população. No início dos anos 60, a Organização das Nações Unidas (ONU) passou a utilizar o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), para avaliar as condições de vida dos 174 países membros da organização. Criou-se um *ranking* em três áreas: educação, renda e qualidade de vida.

Os autores Nilander e Mathis (2001), na década de 90 desenvolveram várias experiências no sentido de implantar indicadores e índices de condições de vida da população como ferramentas de planejamento e formulação de políticas públicas.

Já para Khan (2002, p. 273), apesar de não existir um conceito claro do que é qualidade de vida, “a definição do nível de vida deve ser entendida como um estado atual de suas condições concretas de vida e não como um estado desejado”.

Em outro estudo, Khan (2000), comenta que o tamanho do PIB per capita de uma população, utilizado anteriormente como único indicador para medir o

bem-estar, não é suficiente para analisar as condições de vida. Faz-se necessário, segundo o autor, buscar medidas socioeconômicas mais abrangentes, como bens duráveis, saúde, educação, habitação e aspectos sanitários. “Uma concepção de qualidade de vida que focalize apenas a posse de bens e o acesso a serviços, sem considerar as pessoas, inevitavelmente negligencia a conversão ideal desses bens em satisfação para atender as necessidades e retira dos seres humanos o direito de serem juízes de sua própria qualidade de vida”. (Khan, p.10).

3.3 AS COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS

As comunidades quilombolas passaram a ter o direito ao reconhecimento de suas terras a partir da Constituição Federal de 1988 no artigo 68, que expõe: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” (p. 93). Na seção II da mesma Constituição no artigo 215 “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais” (Senado Federal, 1988).

Portanto, entre as ações desenvolvidas pelo governo brasileiro perante a necessidade de documentar as terras pertencentes às comunidades remanescentes de quilombos, como forma de resolução de conflitos no ano de 1970, temos a criação do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA que trata de um órgão do Governo Federal que desenvolve ações destinadas à regularização de terras em geral, e recebeu a atribuição de regularizar as terras quilombolas. Conforme definição oficial do INCRA, quilombos são grupos étnicos, rurais ou urbanos, predominantemente constituídos pela população negra, que se auto definem como tal a partir das relações com a terra, o parentesco, o território, a ancestralidade, as tradições e práticas culturais próprias (BRASIL, 2011).

Para Vilela (2014), as identidades territoriais bem como os aspectos cotidianos são importantes na identificação de comunidades tradicionais quilombolas. São esses os constituintes da territorialidade cotidiana do quilombo: o território, o modo de vida e a identidade quilombolas. O conjunto de fatores que dão identidade a uma comunidade quilombola e o uso que esta faz do

território a partir das suas práticas cotidianas constrói a territorialidade do grupo, já que é no território que se manifestam suas ações concretas (econômicas e políticas) e as simbólicas (crenças e manifestações culturais).

Dutra (2011, p.18) descreve que para os remanescentes de quilombo “seus territórios étnicos constituem um dos pilares de sua existência enquanto grupo social [...] o direito à propriedade de seus territórios é garantir não somente a sua sobrevivência física, mas também a sua cultura e modo de vida próprio”.

Rocha (2010), retrata que cada comunidade tem sua própria história, cada território atravessou as transformações que lhe determinavam as circunstâncias. O ponto simultâneo entre todas elas é a existência de fronteiras étnicas, as quais determinam o percurso dos grupos pela maneira como eles resistem e respondem aos consecutivos desafios. O reconhecimento do valor cultural de territórios tradicionais possibilita a regularização das terras como forma de valorizar a autonomia do grupo.

A mesma autora relata que deve-se, portanto, retomar a cultura tradicional como um meio de preservação que não está intacto à ação do tempo. Ao contrário, a identidade cultural é exatamente o elemento dinamizador, que aproximara as decisões sobre a destinação, o uso e as transformações do território à deliberação do principal sujeito implicado, qual seja, a comunidade quilombola.

4 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada no Assentamento Pedro Ezequiel de Araújo, localizado no município de Ipanguaçu/RN, região do Vale do Assú, criado no ano de 2005. O assentamento possui aproximadamente 16 ha. O mesmo é dividido em seis agrovilas: Itú, Porto, Salinas, Língua de Vaca, Santarém e Picada. E é na comunidade Picada mais precisamente (ver Figura 1), onde se encontra o nosso objeto de estudo, que trata das artesãs que fazem parte da Associação dos Artesãos da Carnaúba.



Figura 1 - Mapa com a localização da comunidade Picada/RN.

Fonte: Google Maps (2019).

Considerando que o objeto de estudo são as pessoas que trabalham com a fabricação das peças artesanais na Associação Renascer dos Artesãos da Carnaúba, optou-se por realizar uma pesquisa qualitativa a partir da utilização do método “estudo de caso”, escolhido em função da possibilidade de uma análise mais intensa do propósito a ser estudado, e a compreensão mais próxima da realidade social.

Vale salientar que a decisão de pesquisar, como estudo de caso, o artesanato como alternativa de trabalho e renda na comunidade Picada, e especificamente na Associação Renascer dos Artesãos da Carnaúba, que produz peças com a palha extraída da carnaubeira e a fibra de bananeira, se deu em função dessa técnica na comunidade ser muito constante.

Para Goldenberg (2004, p. 103)

O estudo de caso não é uma técnica específica, mas um estudo holístico, o mais completo possível, que considera a unidade social estudada como um todo seja um indivíduo, uma família, uma instituição ou uma comunidade, com o objetivo de compreendê-los em seus próprios termos. (GOLDENBERG, 2004, p.103)

Para tanto, as técnicas utilizadas neste estudo foram: bibliográfica e trabalho de campo. Na pesquisa bibliográfica foram consultados artigos da internet, revistas online, teses, dissertações, bem como periódicos especializados sobre o tema investigado e decretos.

O trabalho de campo foi desenvolvido através da realização de visitas a associação e entrevistas semiaberta com os artífices, onde foi possível, conhecer as reais mudanças que o trabalho artesanal fez na vida dessas pessoas, e também por meio da observação direta, realizada por ocasião das visitas ao local onde o grupo de artesãos se reúne para produzir os seus produtos.

As visitas ao local de trabalho dos artesãos contribuíram, também, para a obtenção de informações adicionais sobre o tema.

Para o desenvolvimento da pesquisa foi utilizado o método qualitativo, coletando as informações da seguinte forma: através das vivências com as visitas, e também com as entrevistas. Elaboramos uma entrevista com 12 perguntas para um diagnóstico das atividades no local.

Considerando que a associação atualmente é composta por 45 sócios, na qual, 35 são mulheres, e 15 a 20 pessoas trabalham fazendo o artesanato.

Foram realizadas 10 (dez) entrevistas: com a atual presidenta da associação, a tesoureira, o articulador de ações e sete artesãos.

4.1 BREVE RELATO SOBRE A COMUNIDADE E A ASSOCIAÇÃO

Em 27 de outubro de 2010, a fundação Palmares expediu a certificação que reconheceu oficialmente a comunidade como remanescente quilombola. Atualmente a comunidade abrange cerca de 139 (cento e trinta e nove) famílias, de acordo com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

O estímulo à produção artesanal na comunidade surgiu por volta do ano de 2005, com a implantação do programa pela EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural) – Jovem Empreendedor. A partir disso deu-se início a Associação Renascer dos Artesãos da Carnaúba (ver Figura 2).



Figura 2. Associação Renascer dos Artesãos da Carnaúba.

Fonte: Autoria própria (2019).

4.2 DADOS DA COMUNIDADE

Na comunidade não tem posto de saúde, caso os moradores necessitem de atendimento básico, tem que se deslocar até a comunidade Itú, onde se encontra a Unidade Básica de Saúde (UBS) mais próxima.

A escola pública que leva o nome de Escola Municipal Nelson Borges Montenegro, funciona da seguinte maneira: prédio próprio, água da rede pública, energia elétrica da rede pública, esgoto sanitário por fossa e destinação do lixo: queima. Possui uma sala de professores, laboratório de informática que no momento não está funcionando, sala de recursos multifuncionais para atendimento educacional especializado, quadra de esportes descoberta, cozinha, biblioteca, banheiro e pátio.

Oferece alimentação escolar para os alunos, atendimento educacional especializado e atividade complementar. A modalidade é ensino regular, creche (0 a 3 anos), pré-escola (4 e 5 anos), ensino fundamental e EJA – fundamental.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para uma maior compreensão dos perfis pesquisados, foram obtidos os dados das artesãs que foram entrevistadas. Abaixo uma tabela de resumo com os dados coletados, a identificação das pessoas foram preservadas:

Nome	Idade	Escolaridade	Tempo que está na Associação
Artesã 1	34 anos	Médio Completo	8 anos
Artesã 2	43 anos	Fundamental Incompleto	6 anos
Artesã 3	65 anos	Fundamental Incompleto	7 anos
Artesã 4	39 anos	Fundamental Incompleto	8 anos
Artesã 5	19 anos	Fundamental Incompleto	1 ano
Artesã 6	43 anos	Fundamental Incompleto	4 anos
Artesã 7	22 anos	Médio Incompleto	2 anos
Tesoureira	32 anos	Médio Completo	15 anos
Presidenta	31 anos	Médio Completo	15 anos
Articulador de ações	30 anos	Médio Completo	11 anos

Tabela 1 – Alguns dados das artesãs que foram entrevistadas

Fonte: Autoria própria (2019).

A presidenta da associação nos relatou sobre como o artesanato chegou na comunidade: *“A ideia foi através de um projeto da EMATER – Jovem empreendedor, onde recebemos várias oficinas e tínhamos que resgatar alguma coisa que marcasse, e o que tinha antes, aí veio a ideia de resgatar o artesanato da palha de carnaúba. E até hoje estamos trabalhando com isso”*.

As pessoas entrevistadas residem na comunidade Picada desde a infância. Quanto à escolaridade, a maioria possui ensino fundamental incompleto. A causa dessa baixa escolaridade é atribuída à falta de oportunidades na região e a necessidade de auxiliar na renda doméstica, quando estas ainda eram adolescentes. Segundo Freitas (2006), é comum a baixa escolaridade entre os artesãos, sendo esta uma das principais causas dessas mesmas pessoas recorrerem ao artesanato como fonte de renda.

Esses dados reforçam nossos resultados, pois observamos que a maioria das pessoas da comunidade possui somente o ensino fundamental incompleto (ver Figura 3).

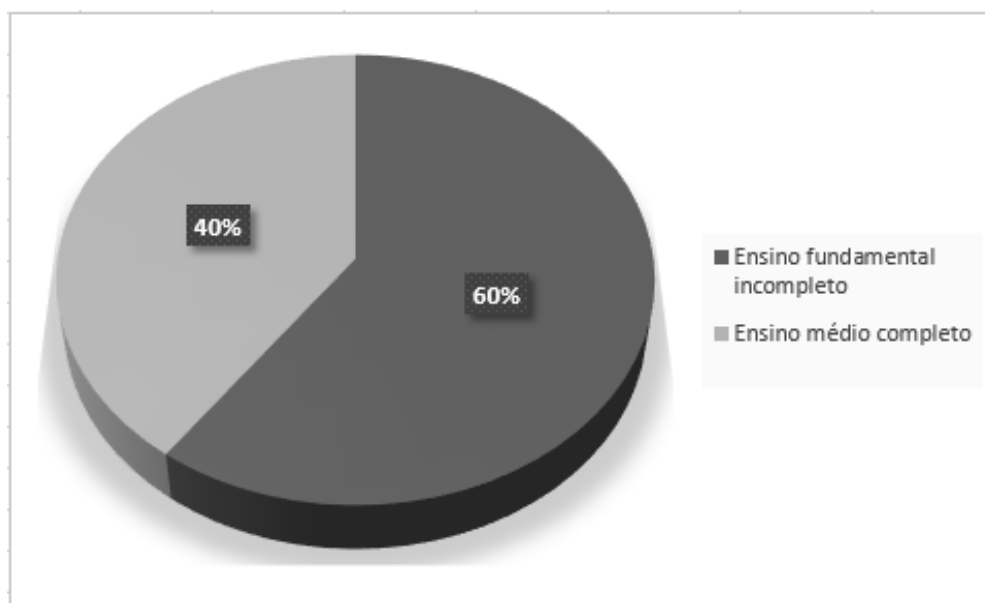


Gráfico 1. Representação das pessoas que têm o ensino fundamental incompleto e das pessoas que têm o ensino médio completo.

Fonte: Autoria própria (2019).

Na entrevista, perguntamos as artesãs se elas exerciam algum outro trabalho remunerado além do trabalho artesanal (ver Figura 4).

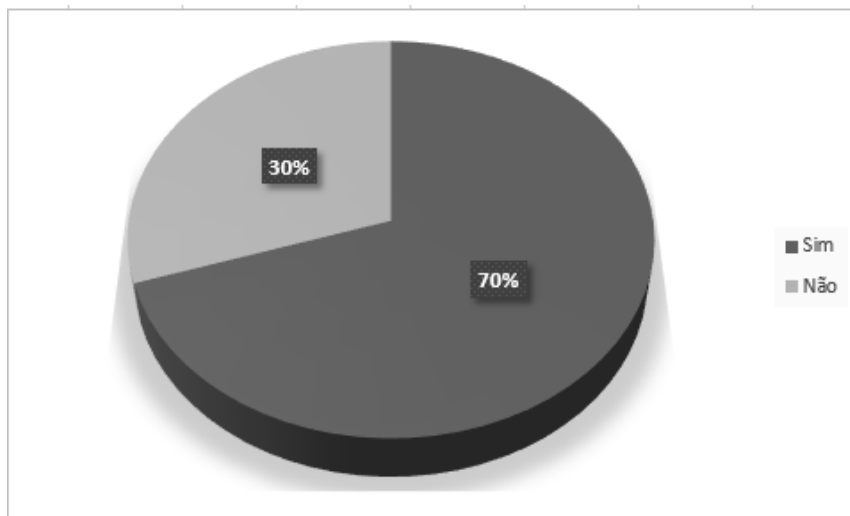


Gráfico 2. Respostas das artesãs sobre exercer algum outro trabalho remunerado.
Fonte: Autoria própria (2019).

Em entrevista: Artesã 4, relatou: *“Faço bolos e salgados, porque tem época que as vendas dos artesanatos não estão muito boas”*. Já a tesoureira, expos: *“Trabalho com a agricultura pra ter um ganho a mais”*.

A remuneração que as artesãs recebem com o trabalho artesanal é bem variada. *“As meninas ganham a hora que elas trabalham. A hora é 4 reais”*. Disse a presidenta.

A relação ao pagamento também depende da produção e dias trabalhados. Havendo mês de alta demanda, que chegam a receber até um salário mínimo.

Às horas trabalhadas por dia depende da procura pelos produtos. Há períodos em que as artesãs trabalham 4 (quatro) horas por dia, e outros que trabalham 8 (oito) horas por dia.

A principal matéria-prima utilizada para a fabricação do artesanato é a palha de carnaúba (*Copernicia prunifera*). A coleta do recurso necessário para a produção do artesanato, é feito em qualquer lugar da comunidade onde possa ser encontrado a palha da carnaúba (ver Figura 5).



Figura 3. Artesãs separando a palha da carnaúba.
Fonte: Disponibilizado pelas artesãs (2019).

Alguns artesãos estão na associação desde sua fundação, já outros fazem parte a pouco tempo.

Para fazer parte da associação existe um processo (ver Figura 6), onde a pessoa que desejar se associar tem que concluir 75 (setenta e cinco) horas como voluntário, depois disso tem que ir para 3 (três) reuniões, e concluindo o processo sendo aprovado em uma assembleia geral com todos os associados.

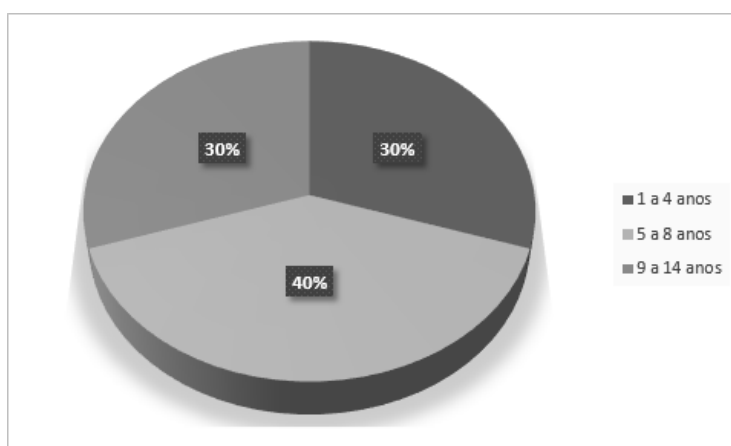


Gráfico 3. Tempo que os artesãos entrevistados trabalham na associação.
Fonte: Autoria própria (2019).

Os trabalhos são distribuídos de acordo com a quantidade de demanda/pedidos. Não há nenhuma preferência no desenvolvimento das tarefas. Somente 3 (três) pessoas que ocupam cargos dentro da associação, todos os demais são somente associados/trabalhadores.

Através das entrevistas feitas com os artesãos (ver Figura 7), constatamos que para as famílias envolvidas com o artesanato, na maioria dos casos, essa é uma atividade de vital importância para o aumento da renda familiar e até mesmo para sua sobrevivência. Abaixo algumas falas das artesãs em relação a mudança que ocorreu em suas vidas depois que começaram a produzir e vender as peças artesanais:

Artesã 1: “Antes eu queria comprar alguma coisa e não tinha dinheiro pra isso, hoje por mais que algumas não dê pra comprar, o dinheiro que recebo com o trabalho do artesanato, já me ajuda muito a conseguir algumas dessas coisas”.

Artesã 3: “Antes era muito difícil, agora as coisas melhoraram bastante, não existe mais tanta dificuldade financeira”.

Artesã 4: “Antes da associação era bem difícil, eu não tinha nenhum ganho. A associação foi uma geração de renda”.

Artesã 6: “Minha filha, antes da associação eu não tinha renda. Hoje já tem alguma coisa... mesmo que seja pouca”.



Figura 4. As artesãs sendo entrevistadas e produzindo o artesanato.
Fonte: Autoria própria (2019).

Para Neto (2011), esse tipo de ocupação está presente em todos os estados brasileiros, tendo a responsabilidade de manter vivas práticas culturais ligadas a tradições de cada estado e região.

O grupo de artesãos é formado na sua maioria por mulheres e apenas um homem, que é encarregado da comercialização dos produtos. O mesmo possui um cargo na associação que é o articulador de ações.

Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no Brasil em 2010 pesquisas revelaram que o país possui mais de 8,5 milhões de artesãos. Desse total, 87% são mulheres. Portanto fica evidente a prevalência feminina neste ofício.

Barbosa *et al.* (2014), relata que a questão da divisão sexual do trabalho no meio do artesanato se apresenta na característica do ofício, sendo ele 'feminino' uma vez que está atrelado a 'delicadeza' do fazer minucioso, o princípio da separação, e levado em consideração como um complemento ao orçamento e não uma renda principal.

Os artífices em sua maioria são pessoas mais velhas, porém, há alguns jovens que fazem parte da produção do artesanato. Na Figura 5 conseguimos visualizar a faixa etária dessas pessoas, sendo elas na maioria entre 30 e 40 anos de idade. Em segunda posição temos entre 40 a 50 anos e um contraste entre jovens de 15 a 20 anos e 50 a 60 anos estão em menor proporção.

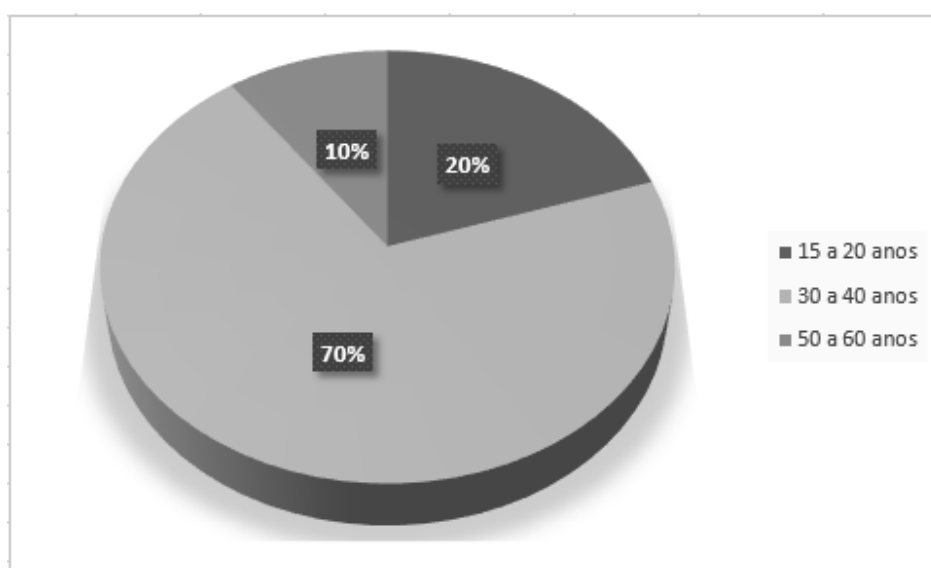


Gráfico 4. Faixa etária dos artífices/artesãos

Fonte: Autoria própria (2019).

Perguntamos aos artífices/artesãos sobre as maiores dificuldades de se atuar no mercado de produção de artesanato hoje em dia, obtivemos as seguintes respostas: *“Temos dificuldade em relação a burocracia para ser vendido as peças, se for vender ou exportar tem que tá tudo regularizado, e as vezes não conseguimos regularizar”*. Declarou o articulador de ações.

Já a artesã 5, nos relatou: *“Uma das dificuldades é saber colocar o preço das peças”*.

“A dificuldade é que o artesanato só vende mais por época. Mas... quando não está em uma época comemorativa a gente dá um jeito de fazer alguma peça que chame atenção”. Nos falou a presidenta.

Os principais produtos fabricados são (Figuras 5): abajures (5A), pastas para documentos (5B), porta lápis (5C), bolsas (5D), artigos decorativos (5E) e blocos de notas (5F), entre vários outros, sendo os mesmos comercializados na capital e em outros estados, chegando até ser exportados para fora do Brasil, como, por exemplo, a Rússia.



(5A)



(5B)



(5C)



(5D)



(5E)



(5F)

Fonte: Autoria própria (2019).

6 CONCLUSÃO

Os resultados mostram que, após a implantação do artesanato na comunidade da Picada, as famílias passaram a ter uma maior renda, e uma melhor qualidade de vida, que antes passavam por algumas dificuldades financeiras, mas que reconhecem que estão bem melhores financeiramente e pretendem se manter na associação e com o artesanato.

A introdução do artesanato como fonte de renda na Picada resultou em um impacto positivo, tanto na renda dos artesãos, como para a qualidade de vida, visto que houve aumento não só do indicador renda, mas também nos indicadores esperança, mudança de vida, confiança, auto estima e solidariedade.

Assumimos portanto, que a atividade do artesanato oportunizou trabalho e renda para a população, e conseqüentemente constitui-se em um fator relevante na transformação de vida e na inclusão social das famílias pertencentes a esta comunidade.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, V. L. E.; D'AVILA NETO, M. I. Mulheres e Artesanato: Um 'Ofício Feminino' no Povoado do Bichinho/Prados-MG. **Revista Ártemis**, [s.l.], v. 17, n. 1, p.141-152, 31 jul. 2014. Portal de Periódicos UFPB. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/18122/11137>. Acesso em: 31 maio 2019.

BARROSO, Eduardo Neto. **O que é artesanato**. Disponível em: <https://fbes.org.br/2015/11/>. Acesso em: 06 jun. 2019.

BORGES, Adelia. **Designer não é personal trainer: e outros escritos**. 2. ed. São Paulo: Edições Rosari, 2003. Acesso em: 07 jun. 2019.

BRASIL. Decreto nº 544, de 26 de Dezembro de 2002, art. 7º, inciso I. **Regulamento do Imposto sobre Produtos Industrializados – IPI**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7212.htm. Acesso em: 06 jun. 2019.

BRASIL. Decreto nº 80.098, de 08 de agosto de 1977. **Governo Federal, através do Ministério do Trabalho, instituiu o Programa Nacional de Desenvolvimento do Artesanato (PNDA)**. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/114767/decreto-80098-77>. Acesso em: 06 jun. 2019.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/ADC1988_08.09.2016/art_68_.asp. Acesso em: 10 jun. 2019.

DUTRA, Mara Vanessa Fonseca. **Direitos quilombolas**: um estudo do impacto da cooperação ecumênica. Rio de Janeiro: KOINONIA, 2011. Disponível em: <http://www.koinonia.org.br/uploads/Direitos%20Quilombolas.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.

GOIDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisa**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004. Disponível em: <http://www.ufjf.br/labesc/files/2012/03/A-Arte-de-Pesquisar-Mirian-Goldenberg.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2019.

KHAN, Ahmad Saeed; SILVA, Ana Tereza Bittencourt. Reforma Agrária Solidária e Desenvolvimento Rural no Estado do Ceará. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 33, n. 3, jul-set. 2002. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/5004/1/2002_art_askhan.pdf. Acesso em: 25 jun 2019.

KASHIMOTO, E.; MARINHO, M. e RUSSEF, I. Cultura, identidade e desenvolvimento local: conceitos e perspectivas para regiões em desenvolvimento. **Interações - Revista Internacional de Desenvolvimento Local**. p. 35-42. 2002. Disponível em: <http://www.interacoes.ucdb.br/article/view/575/613>. Acesso em: 08 maio 2019.

LEMOS, Maria Edny Silva. **O artesanato como alternativa de trabalho e renda**: Subsídios para Avaliação do Programa Estadual de Desenvolvimento do Artesanato no Município de Aquiraz-CE. 2011. 111 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Avaliação de Políticas Públicas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE, 2011. Disponível em: <http://www.mapp.ufc.br/images/disserta%C3%B5es/2011/MARIA-EDNY-SILVA-LEMOS.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2019.

MOURA, Adriana Nely Dornas. **A influência da cultura, da arte e do artesanato brasileiros no design nacional contemporâneo**: um estudo da obra dos irmãos campana. Dissertação (Mestrado em Design). Programa de Pós Graduação em Design da Universidade do Estado de Minas Gerais, UEMG, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <http://www.ppgd.uemg.br/wp-content/uploads/2012/08/Adriana-Nely-Dornas-Moura.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2019.

NETO, Venâncio Freitas de Queiroz. **O artesanato, o artesanato e a educação ao longo da vida**: um olhar a partir do assentamento Palheiros III (Upanema/RN). 2011. 111 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação

em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011. Disponível em: http://www.ppged.ufrn.br/arquivos/teses_dissertacoes/dissertacoes%20-%202011/VENANCIO%20FREITAS%20DE%20QUEIROZ%20NETO.pdf. Acesso em: 31 maio 2019.

OLIVEIRA, Maria José. Artesanato: narrativa de um povo. **Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional**, Ano 15 n.15, p. 129-145 jan/dez. 2011

Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/AUM/article/view/4736/4022>. Acesso em: 06 jun. 2019.

PAB - PROGRAMA DO ARTEANATO BRASILEIRO. Base Conceitual do Artesanato Brasileiro. Brasília, 2012. Disponível em: http://www.mdic.gov.br/arquivos/dwnl_1347644592.pdf. Acesso em: 07 jun. 2019.

ROCHA, Gabriela de Freitas Figueiredo. A territorialidade quilombola ressignificando o território brasileiro: uma análise interdisciplinar. **E-cadernos CES [Online]**, 01 março 2010. URL: DOI: 10.4000/eces.417. Disponível em: <https://journals.openedition.org/eces/417>. Acesso em: 10 jun. 2019.

SENNETT, Richard. O artífice. Tradução de Clóvis Marque. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, vol. 35, núm. 121, enero-junio, 2010, pp. 176-178. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/1005/100513733019.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2019.

SILVA, Emanuelle Kelly Ribeiro da. ENCUESTRO LATINOAMERICANO DE DISEÑO, 4. 2009, Buenos Aires. "**Diseño en Palermo**". Buenos Aires: Universidad de Palermo, 2009. 268 p..Disponível em: https://fido.palermo.edu/servicios_dyc/publicacionesdc/archivos/16_libro.pdf. Acesso em: 07 jun. 2019.

TEIXEIRA, Marcelo Geraldo et al. Artesanato e desenvolvimento local: o caso da Comunidade Quilombola de Giral Grande, Bahia. **Interações**, Campo Grande, v.

12, n. 2, p. 149-159, jul./dez. 2011. Disponível em: <file:///E:/a02.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2019.

VILELA, R. O., Neio Lucio de Oliveira Campos. Os quilombos contemporâneos e a proteção da biodiversidade: Aproximação teórico-conceitual. **Revista Eletrônica: Tempo - Técnica - Território**, v.5, n.2 (2014), p. 42:59 ISSN: 2177-4366. Disponível em: file:///C:/Users/20151058050078/Downloads/ARTIGO_QuilombosContemporAn eosProtecao.pdf. Acesso em: 10 jun. 2019.

APÊNDICES**Entrevista**

1. **Reside na comunidade?**
Sim () Não ()
Quanto tempo? _____
2. **Sexo: () Feminino () Masculino**
3. **Escolaridade: _____**
4. **Além do trabalho artesanal, você exerce outra profissão?**
Sim () Não ()
Remunerada?
Se “sim”, qual? _____
Se “não” porque? _____
5. **Qual é sua renda média trabalhando com o artesanato?**
6. **Quanto tempo faz que você está na associação?**
7. **Que tipo de trabalho você faz na associação? Alguma preferência?**
8. **Quanto do seu tempo diário é dedicado ao trabalho artesanal?**
9. **Você ocupa algum cargo dentro da associação?**
Sim () Não () Se sim, qual? _____ /
Se não, porque?
10. **O que mudou na sua vida depois que começou a trabalhar com o artesanato?**
11. **Para você quais as dificuldades de se atuar no mercado de produção de artesanato?**
12. **Para você qual a importância do trabalho artesanal?**